

Negociação salarial

Além da falta de docentes, a volta às aulas deve ter outros transtornos. Antes mesmo do início do ano letivo, *outdoors* espalhados pela cidade anunciam a paralisação dos professores do DF no dia 8 de março. A greve deve aumentar ainda mais a tensão entre a categoria e o GDF. A pauta de reivindicações elaborada pelo Sindicato dos Professores é extensa. E a Secretaria de Educação garante que não vai negociar vários pontos, considerados fundamentais pela categoria.

Entre as exigências feitas pelos servidores da Educação estão a reposição das perdas salariais acumuladas, a criação de planos de habitação e saúde para a categoria e eleições diretas para os cargos de diretores das escolas públicas e gerentes regionais de ensino. "Esta não é uma pauta de negociação, mas uma pauta para desgastar o governo", dispara a secretária de Educação. "Mais duas etapas do Plano de Carreira serão implantadas este ano, então já há previsão de reajuste salarial", justifica.

Os professores, por sua vez, acusam o governo de descaso com os servidores. "Estamos fazendo uma contagem regressiva antes da paralisação, para mostrar à sociedade que demos tempo para o governo analisar nossas reivindicações", explica a diretora do Sinpro Maria Augusta Ribeiro. No dia 8 de março, os professores realizam assembleia, com indicativo de greve.

Longe da escola

Os problemas que o governo precisa resolver para o bom andamento do ano letivo não param por aí. A falta de vagas



MÁRCIA SOUSA DE MELO COM A FILHA REBECA, DE 4 ANOS: A MENINA E OS TRÊS IRMÃOS TERÃO QUE CAMINHAR 40 MINUTOS DE CASA ATÉ A ESCOLA ONDE ESTÃO MATRICULADOS, EM CEILÂNDIA

foi praticamente eliminada na rede pública do DF, mas as reclamações de pais de alunos estão longe do fim. Alguns estudantes só conseguiram matrícula em escolas distantes de suas casas.

A dona-de-casa Marcia Souza de Melo mora em frente ao Centro de Ensino 53, na QNL 16 em Taguatinga Norte, mas seus quatro filhos estão matri-

culados na Escola Classe 2, em Ceilândia Sul. Os estudantes vão precisar caminhar cerca de 40 minutos para assistir às aulas. A maior preocupação da dona-de-casa é com a caçula da família, Rebeca Sousa, de 4 anos, que terá de fazer o percurso acompanhada dos irmãos mais velhos. "Se existe uma escola ao lado da minha casa, não entendo porque

meus filhos terão que andar tanto para assistir às aulas", reclama Marcia.

A secretaria de Educação explica que de 30 de janeiro a 4 de fevereiro, após o fim do prazo para a confirmação das matrículas nas escolas, o governo vai oferecer as vagas remanescentes e tentar realocar os estudantes que estão em centros de ensino distantes do local de

residência. Os pais que ligaram para o telematrícula têm até o dia 25 de janeiro para procurar a escola e garantir a vaga. "É preciso confirmar a matrícula e só depois disso vamos receber as reclamações e tentar resolver os casos mais graves", garante Maristela.

A Secretaria de Educação também tem pouco tempo para construir salas de aula ou

alugar espaços em escolas particulares, para receber crianças de 4 e 5 anos que não conseguiram vagas perto de casa. Dos 40 mil estudantes nesta faixa etária, 5.700 ainda estão sem salas de aula. Entre os locais onde esses problemas são mais graves estão Sobradinho, Paranoá, Planaltina, Guará, Riacho Fundo e São Sebastião. (H.M.)